

A jornada da literatura gótica: das sombras europeias aos mistérios brasileiros

The journey of Gothic literature: from European shadows to Brazilian mysteries

FABIANO ROCHA BAUMGARDT

Discente de Letras Português – Inglês (UFMS/FUNDECT-MS)
fabiano.baumgardt@ufms.br

ROSANA CRISTINA ZANELATTO SANTOS

Professora orientadora (UFMS/CNPq/FUNDECT-MS)
rosana.santos@ufms.br

Resumo: A literatura gótica, surgida na Europa no final do século XVIII, caracterizou-se por temas sombrios, misteriosos e sobrenaturais, apresentando o fascínio humano pelo macabro. Essa estética literária, fundada por obras como “O castelo de Otranto”, de Horace Walpole, rapidamente se espalhou pela Europa, especialmente Inglaterra e Alemanha. No Brasil, a influência gótica emergiu no século XIX, durante o Romantismo, quando autores como Álvares de Azevedo utilizaram o estilo para explorar temas universais como a morte, a loucura e o sobrenatural, adaptando-os à realidade cultural e social do país, resultando em um estilo literário único, que se destacou pela capacidade de refletir, de forma simbólica e alegórica, as tensões sociais e culturais brasileiras. A literatura gótica no Brasil, assim como em outras partes do mundo, funcionou como uma representação sombria da realidade, permitindo que os escritores abordassem temas difíceis e tabus. A capacidade do gênero de se transformar e continuar influenciando escritores e leitores ao longo dos séculos é um testemunho de sua vitalidade e poder de penetração nas mais diversas manifestações culturais. Neste artigo, além da obra de Álvares de Azevedo, destacam-se os escritores contemporâneos brasileiros Joca Reiners Terron e Cristhiano Aguiar como herdeiros do gótico.

Palavras-chave: literatura gótica; influência cultural; imaginário coletivo; literatura brasileira.

Abstract: Gothic literature, which emerged in Europe at the end of the 18th century, was characterized by dark, mysterious, and supernatural themes, reflecting the human fascination with the macabre. This literary aesthetic, founded by works such as *The Castle of Otranto* by Horace Walpole, quickly spread across Europe, especially in England and Germany. In Brazil, Gothic influence emerged in the 19th century, during Romanticism, when authors such as Álvares de Azevedo employed the style to explore universal themes such as death, madness, and the supernatural, adapting them to the country's cultural and social reality. This resulted in a unique literary style, notable for its capacity to symbolically and allegorically reflect Brazilian social and cultural tensions. Gothic literature in Brazil, as in other parts of the world, functioned as a dark representation of reality, allowing writers to address difficult and taboo subjects. The genre's ability to transform itself and continue influencing writers and readers over the centuries is a testament to its vitality and penetration across diverse cultural manifestations. In addition to the works of Álvares de Azevedo, this article highlights contemporary Brazilian writers Joca Reiners Terron and Cristhiano Aguiar as heirs of the Gothic tradition.

Keywords: Gothic literature; cultural influence; supernatural; collective imagination; Brazilian literature.

1 INTRODUÇÃO

A literatura gótica, cujas raízes mergulham nas sombras da Grã-Bretanha do século XVIII, estendendo seus tentáculos para além dos confins continentais europeus, encontrou solo fértil também na América, deixando uma marca indelével no panorama literário brasileiro. A influência europeia, imbuída de elementos sombrios e atmosferas misteriosas, desempenhou um papel crucial na formação do gótico brasileiro.

A narrativa gótica, nascida em meio às transformações sociais, políticas e culturais da Europa do século XVIII, refletia o fascínio da época por aquilo que era macabro, misterioso e sobrenatural. Obras como “O castelo de Otranto”, de 1764, de Horace Walpole (1717-1797) serviram como pilares fundacionais dessa estética literária, caracterizada por castelos sombrios, personagens atormentados e um clima de terror psicológico.

Com a disseminação da literatura gótica na Europa, especialmente na Inglaterra e na Alemanha, ela cruzou o Atlântico e encontrou solo fértil nas terras americanas. Os escritores estadunidenses, por exemplo, encantados pelo mistério e pela escuridão, incorporaram elementos góticos em suas obras, adaptando-os ao contexto da nova nação. A literatura gótica estadunidense, assim, floresceu com contos de fantasmas, casas assombradas e personagens sombrios que ecoavam as tradições europeias, mas com uma sensibilidade distinta, como visto, por exemplo, em Edgar Allan Poe.

No Brasil, a literatura gótica também encontrou sua morada, enraizando-se em solo tropical de maneira única. A chegada dessa influência europeia coincidiu com o período romântico brasileiro do século XIX, uma era de efervescência artística e cultural. Autores como Álvares de Azevedo, em “Noites na taverna” (1875), e Bernardo Guimarães, em “A dança dos ossos” (1871), mergulharam nas profundezas do gótico brasileiro, transcendendo as fronteiras da literatura romântica, pavimentando o caminho para uma expressão literária também brasileira.

A literatura gótica brasileira, assim como suas contrapartes europeias e estadunidenses, explorou temas universais como a morte, a loucura e o sobrenatural. Entretanto, incorporou nuances e elementos distintamente brasileiros, fundindo o gótico europeu com as peculiaridades da cultura, da história e do imaginário brasileiros.

A narrativa gótica, por muitas vezes, serviu como uma representação sombria da realidade, permitindo que os escritores expressassem suas preocupações e críticas de maneira simbólica e alegórica, corroborando o que escreveu Bakhtin (1988, p. 42): “A literatura tem a palavra como matéria, e as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos que servem para expor a trama das relações sociais em diferentes domínios”. Sendo assim, passamos a apresentar algumas nuances do gótico e a analisar, ainda que de modo embrionário, as narrativas literárias de Álvares de Azevedo, Críthiano Aguiar e Joca Reiners Terron.

2 ORIGENS E INFLUÊNCIAS DA LITERATURA GÓTICA

A jornada da literatura gótica é uma trama intrincada que se desdobra desde suas origens na Europa do século XVIII até seu florescimento e transformação. O gótico nasceu em um contexto de mudanças sociais e culturais na Europa do século XVIII. O

Iluminismo, com suas ideias racionais e científicas, coexistiu com uma crescente fascinação pelo misterioso e sobrenatural.

O termo “gótico” é relativo ou pertencente ao povo “godo” (original do inglês: *goth*): povo bárbaro extinto no século VIII, povo responsável pela queda do império romano. O termo “gótico” foi cunhado por Giorgio Vasari (1511-1574) no século XVI. A presença dos godos foi responsável pela mudança nas artes e na arquitetura da época, sendo que o estilo artístico passou a ser considerado como pertencente ao “povo bárbaro” que “invade” o “povo clássico-cristão”, tornando “impura” a arte cristã da época. A grande intenção era “vulgarizar” todo o estilo, mas pelo que foi visto nos séculos posteriores acabou formando uma coesão do obscurantismo medieval, restando desse modo raízes permanentes na Europa.

O romance gótico foi representado inicialmente pela obra “O castelo de Otranto”, de Horace Walpole, um erudito e entusiasta da Idade Média. O interesse do autor por assuntos medievais se manifestava nas descrições meticulosas de cenário. São essas características que conferem o status de gótico ao romance de Walpole. Obras subsequentes, como “Os mistérios de Udolpho” (1794), de Ann Radcliffe (1764-1823), aprimoram o que Walpole havia feito anteriormente e solidificam os elementos fundamentais do gótico, como locais sombrios, personagens atormentados e uma atmosfera carregada de suspense e terror.

O gótico ascende com Mary Shelley (1797-1851) e John Polidori (1795-1821), com suas obras “O prometeu moderno” (1818) e “O vampiro” (1819), respectivamente. “O prometeu moderno”, posteriormente conhecido mundialmente como Frankenstein, é concebido por muitos como o fundador do gênero de ficção científica, enquanto “O vampiro” constituiu a estreia do vampiro no gênero romance, o que antes era apenas encontrado no gênero lírico, além de reformar sua imagem, retirando-lhe a carga grotesca e trazendo-o aos moldes clássicos.

A literatura gótica atingiu um de seus momentos mais expressivos na segunda metade do século XIX. Nesse período, três obras icônicas foram publicadas, consolidando o gênero e explorando temas como o dualismo moral, a corrupção da alma e o medo do desconhecido: “Drácula” (1897), de Bram Stoker (1847-1912), “O retrato de Dorian Gray” (1890), de Oscar Wilde (1854-1900), e “O médico e o monstro” (1886), de Robert Louis Stevenson (1850-1894). Esses romances não apenas marcaram a literatura da época, mas também influenciaram profundamente a cultura popular e a narrativa de horror moderna.

A exploração da dualidade humana e do conflito entre o bem e o mal é um dos principais temas que unem essas três obras. Em “O médico e o monstro”, Stevenson apresenta a luta interna entre o doutor Henry Jekyll e seu alter ego maligno, Edward Hyde, refletindo a tensão entre civilização e instinto primitivo, algo quase darwiniano. Da mesma forma, Oscar Wilde, em “O retrato de Dorian Gray”, constrói um protagonista cuja beleza exterior esconde uma alma progressivamente corrompida, materializada no retrato que envelhece e se degrada em seu lugar. Já “Drácula” transforma o vampiro em uma figura que representa não apenas o medo do desconhecido, mas também os perigos de uma imoralidade contagiosa.

A perspectiva psicanalítica, por exemplo, permite interpretar o dualismo presente em “O médico e o monstro” como uma manifestação do inconsciente

reprimido, conceito fundamental em Freud. Em “O retrato de Dorian Gray”, a ideia de duplicidade entre aparência e essência dialoga com a teoria do duplo, estudada por Otto Rank (1971), evidenciando o conflito entre a identidade e sua projeção simbólica. Já “Drácula” pode ser analisado sob a ótica da psicologia analítica, identificando no vampiro um arquétipo que transcende o romance de Stoker e ressoa em diferentes mitologias e narrativas culturais.

As três obras também são permeadas por críticas à hipocrisia e à repressão da sociedade vitoriana. Stevenson denuncia a ilusão da moralidade inatacável da elite britânica ao mostrar que, mesmo um homem respeitável, pode esconder um lado monstruoso. Wilde desafia os valores tradicionais ao sugerir que a busca desenfreada pelo prazer pode levar à ruína moral. Stoker, por sua vez, aborda questões de gênero e sexualidade por meio da figura de Drácula, cuja presença sedutora e ameaçadora perturba o equilíbrio de seus oponentes.

O impacto dessas três obras é relevante. As figuras de Drácula, Dorian Gray e Mr. Hyde tornaram-se arquétipos do terror e da ficção psicológica, influenciando desde o cinema clássico de horror até a cultura pop contemporânea. A segunda metade do século XIX, portanto, não apenas revitalizou a literatura gótica, mas também a elevou a um patamar de complexidade psicológica e social que ainda ressoa nos dias de hoje na literatura e em outras manifestações artísticas.

3 A MORTE COMO REDENÇÃO NO GÓTICO: ÁLVARES DE AZEVEDO

A jornada do gótico da Europa para o Brasil é uma narrativa de adaptação e de inovação. Os escritores brasileiros, ao incorporarem elementos góticos, não apenas transplantaram um gênero literário, mas o transformaram em algo ligado à sua própria identidade cultural. Álvares de Azevedo, entre outros, moldaram o gótico brasileiro, integrando elementos locais e criando uma tradição literária que captura a diversidade do Brasil, com suas sombras e luzes, suas tradições e inovações. A fusão de mitos locais e elementos góticos europeus destaca a singularidade do gótico brasileiro, uma expressão literária que ressoa com o tropical, o misterioso e o profundamente humano.

Enquanto grande parte da ficção gótica pode ser vista como uma maneira de imaginar uma ordem baseada em princípios divinos ou metafísicos que haviam sido deslocados pela racionalidade iluminista uma maneira de conservar a justiça, hierarquias sociais e familiares, sua preocupação com o modo de representar essa ordem, exigia que ela excedesse fronteiras de decoro e razão. É nesse contexto que pode se dizer que a ficção gótica mais borra do que difere as fronteiras que regulam a vida social, e interroga mais do que restaura, qualquer continuidade imaginada entre passado e presente, natureza e cultura, razão e paixão, individualidade e família e sociedade (Botting, 1996, p. 47. Tradução nossa).

A fusão de elementos góticos com a cor local destaca a capacidade do gótico brasileiro de dialogar e de inovar. O sobrenatural torna-se uma metáfora para os desafios e os perigos enfrentados pela sociedade brasileira em sua jornada de formação. O gótico

se torna um meio de explorar as complexidades culturais brasileiras. A natureza do Brasil também desempenha um papel fundamental no gótico brasileiro clássico. No ambiente urbano, as construções e os becos estreitos e sombrios intensificam o clima de tensão e desespero, contrastando com a natureza ainda indomada que cerca essas áreas metropolitanas. Assim, tanto a natureza quanto as cidades brasileiras se tornam elementos cruciais na criação da atmosfera gótica, refletindo os conflitos e os extremos da experiência humana. A conexão intrínseca com a natureza destaca uma característica do gótico brasileiro, na qual o ambiente físico representa e interage com os conflitos humanos. As florestas tropicais, os rios e as montanhas são não apenas cenários, mas também participantes ativos nas histórias, criando uma simbiose entre o gótico e a riqueza natural do Brasil.

A transição do gótico da Europa para o Brasil é uma viagem literária que se desenrola ao longo do século XIX, tecendo uma tapeçaria que representa a interseção entre o sombrio europeu e o exuberante tropical.

A chegada do gótico ao Brasil coincide com o florescimento do Romantismo no século XIX. Autores como Álvares de Azevedo (1831-1852), inspirados pelas correntes literárias europeias, introduziram elementos góticos em suas obras. Em “Noite na taverna” (1875), Azevedo revela uma visão sombria e hedonista da sociedade brasileira, explorando temas como a morte, o desejo e a dualidade entre virtude e vício em seus contos. A atmosfera gótica, entrelaçada com a melancolia romântica, cria uma experiência literária única, que ecoa as sombras dos castelos europeus, mas com um toque tropical.

Azevedo, considerado um precursor do gótico brasileiro, utilizou a noite como palco para explorar os cantos obscuros da alma humana e da sociedade brasileira. Suas narrativas exploram a decadência moral, o desespero e a busca pelo desconhecido. “Noite na Taverna” é um exemplo proeminente, em que personagens mergulham em experiências proibidas e lidam com as consequências de suas escolhas, criando uma representação marcante e sombria da sociedade da época.

Eu estava ali pendente junto à morte. Tinha só a escolher o suicídio ou ser assassinado. Matar o velho era impossível. Uma luta entre mim e ele fora insana. Ele era robusto, a sua estatura alta, os seus braços musculosos me quebrariam, como o vendaval rebenta um ramo seco. Demais, ele estava armado. Eu era uma criança débil, ao meu primeiro passo, ele me arrojaria da pedra em cujas bordas eu estava. Só me restaria morrer com ele, arrastá-lo na minha queda. Mas para quê? (Azevedo, 2005, p. 46).

Azevedo, ao mesmo tempo em que incorpora elementos góticos europeus, adapta-os à realidade brasileira. O clima tropical, os mitos locais e a diversidade racial do Brasil são elementos integrados ao seu gótico, criando uma fusão de elementos estrangeiros e autóctones. O resultado é uma expressão literária que transcende as fronteiras geográficas e culturais, representando a riqueza da experiência brasileira em sua complexidade.

Álvares de Azevedo ocupa lugar central por articular, com intensidade, os impulsos contraditórios do amor e da morte, do erotismo e da culpa, da beleza

idealizada e da degradação. Em “Noite na Taverna”, seu célebre livro de contos, cada texto é uma confissão, muitas vezes delirante, marcada pelo excesso e talvez nenhum deles sintetize melhor a estética gótica do autor do que “Último beijo de amor”.

Desde as primeiras linhas, constrói-se a atmosfera típica da literatura gótica, com elementos como a noite avançada, o silêncio fúnebre e a figura espectral: “A noite ia alta; a orgia findara. Os convivas dormiam repletos nas trevas” (Azevedo, 2005, p. 81). A personagem feminina entra como uma aparição, trazendo a imagem não apenas da morte, mas também do desejo corrompido: “Era pálida... seus olhos acesos, seus lábios roxos, suas mãos de mármore” (Azevedo, 2005, p. 81). Giorgia é a encarnação da mulher gótica por excelência, espécie de anjo decaído, entre a musa e o cadáver. O assassinato de Johann, realizado por Giorgia, intensifica o clima sombrio do conto e revela uma dimensão moral invertida, na qual o crime é representado como um ato de justiça: “Foi ele quem deixou por morto um mancebo... Giorgia prostituta vingou nele Giorgia a virgem. Esse homem foi quem a desonrou... a ela que era sua irmã” (Azevedo, 2005, p. 85).

A vingança não apenas compensa a honra perdida, mas também reconfigura a identidade da personagem, que passa a agir como instrumento de uma justiça poética e sombria. A relação entre Giorgia e Arnold (que mais tarde insiste em ser chamado de Arthur) é marcada por um lirismo trágico e por uma forte tensão entre o amor idealizado e a degradação. Após cinco anos de separação, eles se reencontram, mas não há redenção possível no mundo terreno. Giorgia declara: “É um adeus, é um beijo de adeus e separação que venho pedir-te; na terra, nosso leito, seria impuro... E no céu, quando o túmulo nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã do amor...” (Azevedo, 2005, p. 83).

A morte é o único espaço viável para a plenitude do amor. Giorgia afirma sua própria decadência ao dizer: “Outrora era Giorgia a virgem; mas hoje é Giorgia a prostituta” (Azevedo, 2005, p. 82). Já Johann/Arthur, tomado pelo desespero, clama: “Cinco anos de febre e de insônias, de esperar e desesperar, de viver por ti, de saudades e agonias, fora o inferno ver-te para deixar-te!” (Azevedo, 2005, p. 84). A tensão entre o passado ideal e o presente corrompido é uma constante no conto, refletindo o ideal ultrarromântico de um amor impossível de ser vivido em vida. O desfecho do conto é um clímax tipicamente gótico: Giorgia desfalece após o beijo, e Johann/Arthur a acompanha na morte: “O moço tomou o punhal, fechou os olhos, apertou-o no peito e caiu sobre ela. [...] A lâmpada apagou-se” (Azevedo, 2005, p. 86). A escuridão final funciona como símbolo da união eterna no túmulo, onde não há mais dor, julgamento ou separação.

No conto “Último beijo de amor”, Álvares de Azevedo oferece uma síntese potente do gótico tropical: o amor é insuportável na vida e só pode ser vivenciado na morte. A atmosfera sombria, os personagens atormentados, a linguagem intensamente emocional e o desfecho trágico contribuem para a consolidação do autor como mestre do Romantismo mórbido no Brasil.

4 O GÓTICO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: REINVENÇÃO E INOVAÇÃO

O gótico brasileiro, longe de ser uma relíquia do passado, vive e respira no cenário literário contemporâneo, adaptando-se e reinventando-se em sintonia com as transformações sociais e culturais recentes. Este tópico explora o gótico brasileiro contemporâneo, uma expressão dinâmica e inovadora que transcende as convenções estabelecidas. Ao analisarmos obras e autores que exploram as características do gótico, examinamos como esse gênero continua a ser uma voz expressiva e crítica na literatura brasileira contemporânea.

O gótico brasileiro contemporâneo surge em meio a uma paisagem marcada por mudanças sociais e culturais. As questões contemporâneas, como a diversidade cultural, as crises ambientais e as dinâmicas sociais, encontram eco nas narrativas góticas recentes. Autores contemporâneos exploram as sombras desses temas, transformando o gótico em uma lente por meio da qual se pode analisar e questionar a sociedade brasileira do século XXI.

O gótico brasileiro contemporâneo não apenas adota novas formas narrativas, mas também inova nas temáticas abordadas. Questões como a identidade de gênero e a desconstrução de estereótipos culturais são exploradas de maneiras surpreendentes, utilizando narrativas multimodais, estruturas não lineares e hibridismo de gêneros. Os autores contemporâneos usam o gótico como uma técnica para desafiar normas sociais e questionar as estruturas de poder estabelecidas. “O gótico é, portanto, uma visão de um pesadelo de um mundo moderno, composto por indivíduos separados, que se dissolvem em relações predatórias e relações demoníacas que não podem ser reconciliadas em uma ordem social” saudável (Kilgour, 1995, p. 12. Tradução nossa).

A literatura de horror, muitas vezes entrelaçada com o gótico, encontra uma expressão poderosa na literatura brasileira contemporânea. O horror, nesse contexto, torna-se um espelho distorcido das ansiedades e dos horrores contemporâneos, utilizando o gótico como uma ferramenta para amplificar o impacto emocional. Ao reinventar-se, mantém sua função crítica, questionando as normas e desafiando as estruturas de poder. O uso do gótico como uma ferramenta para explorar questões sociais contemporâneas destaca a versatilidade do gênero. Ao mergulharem nas sombras e no sobrenatural, os autores contemporâneos oferecem uma perspectiva única sobre a sociedade brasileira, adicionando camadas de complexidade e de reflexão às narrativas. Ao transcender fronteiras e desafiar convenções, o gótico brasileiro contemporâneo perpetua a tradição gótica, demonstrando que as sombras da literatura continuam a oferecer um terreno fértil para a exploração da condição humana e das questões sociais emergentes. A reinvenção do gótico no contexto brasileiro contemporâneo destaca a vitalidade e a relevância contínua desse gênero na tapeçaria literária do país.

4.1 O CASO DE DOIS GOTICISTAS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

A literatura gótica, desde seu surgimento no século XVIII, tem explorado temas como o medo, o grotesco, o sobrenatural e o obscuro da condição humana. Segundo David Punter (2004), um dos principais teóricos do gótico, o gênero se caracteriza pela

ruptura com a racionalidade iluminista, expondo o lado reprimido da sociedade por meio do horror, da incerteza e do sobrenatural. No Brasil, a literatura gótica contemporânea tem ganhado espaço por meio de escritores que inovam e ressignificam elementos clássicos do gênero. Entre esses autores, Joca Reiners Terron e Cristhiano Aguiar se destacam com obras que trazem abordagens singulares ao gótico, mesclando mitologia, identidade, trauma e uma atmosfera labiríntica e opressiva.

Em “Onde pastam os minotauros” (2023), Terron constrói uma narrativa que transita entre tempos e espaços distintos, evocando a figura mitológica do Minotauro para simbolizar a condição humana. O romance resgata e reinventa elementos góticos ao inserir um ambiente labiríntico que é não apenas físico, mas também psicológico e social. A identidade fragmentada dos personagens, a incerteza narrativa e o jogo com o tempo criam uma experiência de leitura desorientadora, própria do gótico contemporâneo. A atmosfera densa e carregada de simbolismos é uma característica marcante da obra. Um exemplo disso está na descrição do espaço do matadouro, que é comparado ao labirinto: “O curral tem a forma de um caracol, a fileira de bois entra por ele e caminha em espiral em direção do brete que vai estreitando e estreitando até a morte” (Terron, 2023, p. 76).

O labirinto, recorrente no romance, se torna uma alegoria para os desvios e as armadilhas da mente humana, da sociedade e da própria literatura. Isso é evidenciado na reflexão do personagem Cão sobre o matadouro: “Dédalo criou o matadouro, diz o Cão, uma mulher autista o aperfeiçoou em forma de labirinto. Temple Grandin. O Crente já ouviu dizer isso, mesmo assim concordou como se fosse algo novo” (Terron, 2023, p. 76).

A teoria dos espaços góticos, conforme analisada por Fred Botting (1996), sugere que os espaços labirínticos e opressores atuam como extensões do medo e da angústia dos personagens, reforçando a atmosfera de claustrofobia e mistério. Um exemplo disso é a violência presente no matadouro, em que a opressão e o sofrimento se estendem para os próprios trabalhadores: “Sem atender a supervisora, a segurança dobra o braço direito da magarefe em suas costas, forçando o tranco dela a se dobrar para frente com um empurrão na nuca” (Terron, 2023, p. 118).

Enquanto “Onde pastam os minotauros” se vale da mitologia e do labirinto como recursos góticos, “O riso dos ratos” (2021), também de Terron, mergulha no horror da memória e da decadência. A história do protagonista que retorna à sua cidade natal e se depara com espectros do passado é um dos pilares do gótico clássico. O passado que retorna como assombração e o espaço degradado como metáfora para a decadência da identidade são elementos centrais nesse romance. Em “O riso dos ratos”, o protagonista se vê envolto em um ambiente fantasmagórico, sendo lembrado do seu passado: “A cidade parece me observar com olhos mortos, tudo o que era familiar se dissolve em um emaranhado de rostos que não lembro” (Terron, 2021).

A estrutura narrativa de “O riso dos ratos” é fragmentada, utilizando flashbacks e reflexões introspectivas para construir um ambiente fantasmagórico. O passado e o presente se entrelaçam, criando uma sensação de assombração e incerteza. O próprio protagonista, marcado pelo trauma e pela busca de identidade, carrega os elementos do herói gótico atormentado, em uma jornada de autodescoberta e confronto com seus medos mais profundos, como no momento em que ele reflete sobre sua

condição: “Sinto a presença do que não posso entender, como se os ecos de uma vida que não vivi ainda estivessem me chamando” (Terron, 2021).

A teoria psicanalítica do gótico, amplamente estudada por Sigmund Freud e sua conceituação do inquietante/estranho (*Unheimlich*), auxilia na compreensão desse tipo de narrativa ao sugerir que o horror emerge daquilo que deveria ser conhecido e seguro, mas que se torna ameaçador e estranho.

Outra obra relevante dentro do contexto do gótico contemporâneo brasileiro é “Gótico nordestino” (2022), de Cristhiano Aguiar. A obra explora o horror enraizado no imaginário do sertão, trazendo lendas populares, violência e elementos sobrenaturais que dialogam com as dificuldades e desigualdades da região. A obra resgata um gótico marcado pela ambientação regional e pelo sinistro que emerge da própria cultura e história nordestina. Com um estilo literário que combina o lirismo com a brutalidade, Aguiar reinterpreta o gênero gótico ao conectá-lo às paisagens e vivências do Nordeste brasileiro. Suas narrativas são permeadas por sombras, assombrações e figuras perturbadoras que desafiam a fronteira entre o real e o sobrenatural.

Aconteceu outra vez: Elvira sonhou com a mulher dos pés molhados. Acordou sentindo falta de ar. O cabelo curto, ruivo, grudava na testa e na nuca. Exceto pelo ventilador, que estalava e balançava em cima de um tamborete, não se ouvia nenhum som. Seus olhos buscaram o marido, deitado a seu lado na cama. Ele continuava dormindo. A mão esquerda tocou a própria barriga — pouco mais de três meses, já (Aguiar, 2022, p. 46).

O gótico regional, conforme argumentado por Teresa Goddu (1997), é um meio de expressar traumas históricos e violências sociais, o que se aplica diretamente à abordagem de Aguiar. Em “Gótico Nordeste”, o sobrenatural e o horror são mecanismos para expor questões sociopolíticas, mantendo a tradição do gótico como uma literatura da transgressão e do marginal.

Tanto “Onde pastam os minotauros” quanto “O riso dos ratos” e “Gótico nordestino” compartilham características essenciais da literatura gótica contemporânea. Entre os principais elementos presentes nas obras, destacam-se: espaços labirínticos e claustrofóbicos, nos quais os ambientes funcionam como prisões que refletem o estado emocional e psicológico dos personagens; memória e trauma, com tramas e segredos ocultos que retornam para assombrar os protagonistas, evocando um dos aspectos mais característicos do gótico; identidade fragmentada, numa constante busca dos personagens por uma identidade que parece sempre lhes escapar, reforçando a atmosfera de estranhamento e desconforto; e o horror do cotidiano, que se distancia do gótico tradicional ao priorizar o horror psicológico e a degradação da realidade como fonte do medo.

A literatura gótica contemporânea no Brasil encontra em Joca Reiners Terron e em Cristhiano Aguiar dois de seus mais inovadores representantes. Ao mesclar mitologia, psicologia, horror social e regionalismo, suas obras expandem os limites do gênero e propõem novas formas de experimentação narrativa. “Onde pastam os minotauros”, “O riso dos ratos” e “Gótico nordestino” exemplificam essa nova

abordagem, trazendo um gótico que não se limita a castelos assombrados, mas que encontra seus horrores nos labirintos da mente, da sociedade e das paisagens do Brasil contemporâneo.

4.2 A VINGANÇA NA RUÍNA EM “O RISO DOS RATOS”

O romance “O riso dos ratos”, de Joca Reiners Terron, constrói uma narrativa profundamente atravessada pela estética gótica em sua vertente mais contemporânea e política. A história é conduzida por um narrador que acompanha o drama de um protagonista sem nome, à beira da morte por uma condição hepática, cuja existência é orientada por uma única motivação: vingar a violência sofrida por sua filha. Essa promessa de vingança o impulsiona a seguir o “sujeito em questão”, como é chamado o agressor, mergulhando-o em um mundo de decadência física, social e moral. Como afirma o narrador já no início do romance, “embora se sentisse morto, somente a morte do outro importava” (Terron, 2021, p. 17). Essa frase revela, de forma condensada, o caráter obsessivo do protagonista e sua entrega à lógica da vingança como último sentido de sua existência.

Desde o início, a narrativa evoca o gótico ao apresentar a degradação do corpo como reflexo de um mal maior: “Esteatose, hepatite, fibrose, cirrose, assim o médico resumiu a via-crúcis hepática. E a morte” (Terron, 2021, p. 17). No entanto, para o protagonista, a morte só se completaria com o cumprimento de sua promessa: “embora se sentisse morto, somente a morte do outro importava” (Terron, 2021, p. 17). A obsessão, característica central do herói gótico, aqui se entrelaça com a dor de um pai que é rejeitado pela própria filha: “olhou-o com horror e descrédito” (Terron, 2021, p. 15), quando este compartilhou seu desejo de vingança. Para ela, “um só ato de violência causa uma reação em cadeia, fazendo a sociedade retroceder à barbárie” (Terron, 2021, p. 16).

A tensão entre justiça e barbárie perpassa toda a narrativa e reforça o conflito moral que define o protagonista. A presença do “sujeito em questão”, figura fugidia e monstruosa, amplia a atmosfera de incerteza e opressão. Com o tempo, “as pegadas virtuais do sujeito começaram a desaparecer, o que o preocupava, pois seria impossível continuar a odiar um número” (Terron, 2021, p. 13). O anonimato do agressor, somado à burocracia que impede qualquer forma de justiça, transforma o ato de vingança em um delírio persecutório, típico das tramas góticas nas quais o protagonista é consumido por uma missão impossível.

A paisagem urbana colapsada reforça o cenário gótico distópico. “O mundo parecia seguir sua rota invariável rumo à destruição” (Terron, 2021, p. 22). Ao sair pela primeira vez em meses, depara-se com uma cidade irreconhecível, que “não ia nada bem” (Terron, 2021, p. 21). O silêncio absoluto, a presença massiva de mendigos, a fome visível, tudo contribui para a construção de um espaço urbano fantasmagórico. Ao retornar para casa, depara-se com o impossível: “blocos de cimento e tijolos obstruíram a porta por onde sua filha passou tantas vezes, vinda do cinema ou da escola” (Terron, 2021, p. 43). A casa, símbolo de segurança e de identidade no gótico clássico, aqui é vedada, selando o exílio do protagonista e sua entrada definitiva na ruína.

Refugiado no supermercado Futurama, o protagonista passa a viver com outros desabrigados, entre eles o “avô”, antigo conhecido de sua filha. Ali, alimentam-se de carne de ratos, inaugurando a convivência com o grotesco: “sem serem molestados, através da brecha no aço do portão, o avô e ele saíram em direção ao sol” (Terron, 2021, p. 66). No entanto, o sol, em vez de representar redenção, ilumina a violência, onde as ruas estavam vazias e tomadas por milícias e violência. O refúgio seguinte é o esgoto, onde encontra o “quilombo”, outra comunidade provisória logo destruída por forças armadas “que se fizeram ver por meio das fagulhas das armas sendo disparadas contra os bandos que se dispersaram em desordem pela margem” (Terron, 2021, p. 96).

Ao ser capturado, o protagonista é levado para um cemitério transformado em campo de trabalho escravo, agora chamado de “plantação”. A exploração e a punição constante são regidas por um feitor sádico: “[...] como um boneco integrado ao mecanismo de um presépio mecânico fazendo-o erguer e baixar a pá em gestos regulares e monótonos, o boneco manufaturado por um artesão cruel, um Gepeto malévolo, os elos daquela corrente conduziam à senzala” (Terron, 2021, p. 103). O gótico aqui reaparece na fusão entre o orgânico e o mecânico, entre o humano e o objeto e no retorno a uma lógica colonial de escravização. Sob o discurso messiânico do Bispo, os trabalhadores são manipulados com promessas vazias, em que todos teriam fartura, formariam família e povoariam a cidade que ali seria construída. “Mas no presente, a liberdade não passava de miragem: além da pequena prisão representada pela plantação, o mundo era uma enorme penitenciária” (Terron, 2021, p. 136). Ao ascender de posição, tornando-se “capitão do asfalto”, o protagonista agora caça outros fugitivos, “pau-mole” ou “rachas”, para que sejam vendidos como mercadoria: “eram integrados ao lote do senhor bispo e vendidos com o resto do rebanho” (Terron, 2021, p. 148).

A reificação do humano, constante no gótico, ganha aqui contornos de denúncia social e racial. Durante um leilão, uma das mulheres escravizadas reage e mata o Bispo. Ela também é morta, mas o ato desencadeia o fim da plantação. O protagonista, então, é acorrentado com outros e levado num navio: “com o capacete dourado de alumínio que era do Bispo na cabeça, que se ligava por uma complexa amarração de arames que se ligava à coleira do pescoço” (Terron, 2021, p. 165). Símbolo da zombaria do poder, o capacete reforça a imagem do herói caído. Apesar da situação extrema, “resistiu, afinal tinha uma promessa a cumprir” (Terron, 2021, p. 169).

O ápice do grotesco ocorre quando, diante da iminente abordagem de uma patrulha marítima, os feitores assassinam os cativos e os lançam ao mar: “em segundos, tinham passado de mercadoria a mero lastro” (Terron, 2021, p. 190). Mais uma vez, o protagonista sobrevive, agarrado a um pedaço de madeira, e chega a uma mata onde passa a viver “com a convicção de que tinha voltado à origem” (p. 205). Liberto fisicamente, ele questiona: “agora estava livre, o que fazer, isso lhe daria um trampo [...] perguntou-se como poderia sobreviver em liberdade sendo ele próprio mais do que nunca, um passarinho de gaiola” (Terron, 2021, p. 193-194). A liberdade, no gótico, é muitas vezes sinônimo de desamparo.

Por fim, após perder o capacete, símbolo de sua servidão, delira com a presença da filha, que o liberta da promessa. Encontra um vilarejo na floresta e é atacado, até que uma mulher com uma criança o reconhece. “Ele reconheceu sua filha na menina, a filha quando era uma criança naquela idade [...] e foi assim que descansou do peso da

promessa e da grandeza do assombro” (Terron, 2021, p. 214). A narrativa termina em ambiguidade: não se sabe se o reencontro é real ou fruto da febre. Mas é nesse instante, em que a culpa e a obsessão são aliviadas, que o protagonista finalmente morre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, emerge a importância e a amplitude da literatura gótica como um fenômeno que transcende fronteiras geográficas e temporais. A tradição gótica é não apenas uma expressão literária; é também um legado cultural intrincado que viajou de um continente para outro, deixando uma marca indelével em diferentes contextos culturais. A literatura gótica, desde suas origens na Europa até sua incorporação na América e mais especificamente no Brasil, tornou-se não apenas uma herança literária, mas também uma parte essencial do panorama global.

A literatura gótica, inicialmente germinada na Europa do século XVIII, logo encontrou seu caminho para a América do Norte e, posteriormente, para o Brasil. Essa jornada foi mais do que uma simples migração geográfica de histórias e elementos sombrios; foi uma assimilação complexa e uma reinvenção contínua do gótico em diferentes contextos culturais. A globalização da literatura gótica não apenas difundiu suas características distintivas, mas também enriqueceu o gênero, ao incorporar novas perspectivas, mitologias locais e desafios contemporâneos.

Ao chegar à América, o gótico encontrou solo fértil para se enraizar e florescer. Autores estadunidenses, como Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne e Washington Irving, reimaginaram o gótico em um contexto que refletia as ansiedades e as ambiguidades da nova nação. Os contos e os romances que emergiram desse período não apenas incorporaram elementos góticos europeus, mas também desenvolveram uma identidade única que ecoava os desafios da sociedade estadunidense em formação.

No Brasil, a jornada do gótico foi marcada por uma fusão intrigante com as raízes literárias e culturais do país. Autores como Aluísio Azevedo e Bernardo Guimarães reconfiguraram o gótico para explorar as complexidades sociais, raciais e culturais específicas da sociedade brasileira. A influência do gótico no Brasil não foi uma mera imitação, mas uma adaptação rica que entrelaçou elementos sombrios com o folclore local, a natureza exuberante e as questões emergentes da identidade nacional.

A literatura gótica, longe de ser uma relíquia do passado, demonstra sua resiliência ao persistir e evoluir na contemporaneidade. Autores contemporâneos nos Estados Unidos, como Stephen King e Anne Rice, continuam a explorar as dimensões sombrias da condição humana, adaptando o gótico para enfrentar as complexidades e desafios do século XXI. No Brasil, escritores como Cristhiano Aguiar e Joca Reiners Terron reinventam o gótico, incorporando elementos contemporâneos e locais, mantendo a tradição viva e pulsante.

A literatura gótica contemporânea enfrenta desafios únicos, como a necessidade de abraçar a diversidade e abordar questões éticas, sociais e ambientais. Os autores contemporâneos respondem a esses desafios, utilizando o gótico como uma ferramenta para explorar as complexidades do mundo moderno, desafiando normas e ampliando as fronteiras do gênero. A literatura gótica, em sua adaptabilidade, continua a ser um

meio crítico para a reflexão sobre as ansiedades e ambiguidades da sociedade contemporânea.

A literatura gótica é muito mais do que uma expressão artística específica; ela é uma testemunha da condição humana em todas as suas nuances. Desde suas origens na Europa até sua disseminação global, o gótico tem sido uma voz ressonante que explora o desconhecido, desafia o convencional e reflete os medos mais profundos da sociedade. A capacidade do gótico de se adaptar, transformar e perpetuar através dos séculos é um testemunho de sua vitalidade. Essa tradição literária, ao atravessar continentes e absorver novas influências, tornou-se uma parte essencial do patrimônio cultural global.

A literatura gótica é não apenas uma sombra do passado; é uma luz que ilumina os recessos mais escuros da imaginação humana, oferecendo uma visão única e penetrante da complexidade do ser. Ao final desta jornada, nota-se que o gótico não é uma entidade estática, mas sim um fluxo contínuo que ecoa através do tempo e da geografia. Esta pesquisa, ao mergulhar na história e na evolução do gótico, buscou desvelar as camadas dessa tapeçaria cultural intrincada. A literatura gótica permanece como um eco do passado, um reflexo do presente e, esperançosamente, uma inspiração para o futuro, continuando a influenciar, desafiar e cativar gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Christiano. **Gótico nordestino**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. **Noite na taverna**. São Paulo: Saraiva, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BOTTING, Fred. **Gothic**. London: Routledge, 1996.

FREUD, S. O Inquietante. In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010. v. 14.

GUIMARÃES, Bernardo. A dança dos ossos (1871). In: **Domínio Público**. [S. l.], [20--]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=16110.

GODDU, Teresa. **Gothic America**: narrative, history, and nation. New York: Columbia University Press, 1997.

HAWTHORNE, Nathaniel. **A letra escarlata**. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin Companhia, 2012.

IRVING, Washington. **A lenda do cavaleiro sem cabeça**. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. São Paulo: Hedra, 2011.

- KILGOUR, Maggie. **The rise of the Gothic Novel**. Londres. Routledge, 1995.
- POLIDORI, John. **O vampiro**. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- POE, Edgar Allan. “O gato preto”. In: POE, Edgar Allan. **Contos de imaginação e mistério**. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Tordesilhas, 2013.
- POE, Edgar Allan. **O corvo**. Tradução de Fernando Pessoa. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- PUNTER, David. **The literature of terror: a history of gothic fictions from 1765 to the present day**. London: Longman, 2004.
- RANK, Otto. **The double: a psychoanalytic study**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1971.
- RADCLIFFE, Ann. **Os mistérios de Udolpho**. Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução de Simone Campos. São Paulo: Penguin Companhia, 2014.
- STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. Tradução de Marcos Maffei. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- STOKER, Bram. **Drácula**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- TERRON, Joca Reiners. **O riso dos ratos**. São Paulo: Todavia, 2021.
- TERRON, Joca Reiners. **Onde pastam os minotauros**. São Paulo: Todavia, 2023.
- VASCONCELOS, Sandra G. **10 lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- WALPOLE, Horace. **O castelo de Otranto**. Tradução de Paulo Franchetti. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.